

# “FMI é dispensável”

HELIVAL RIOS  
Da Editoria de Economia

O monitoramento do FMI às nações devedoras do Terceiro Mundo não é condição indispensável para a renegociação das suas dívidas com os bancos estrangeiros — segundo afirmou ontem o presidente da Associação das Américas e consultor do Chase Manhattan Bank, David Rockefeller. Em entrevista coletiva concedida à imprensa após encontro com o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto, Rockefeller disse acreditar que todos os grandes banqueiros estrangeiros já aceitam hoje que uma solução da dívida para os países subdesenvolvidos somente será possível com a manutenção de um processo permanente de crescimento econômico.

Rockefeller apresentou ao presidente Sarney os principais pontos de um plano de crescimento econômico e tratamento da dívida externa para a América Latina, que está sendo elaborado pela entidade que dirige, e que pretende oferecer como subsídio aos governos dos principais países do Continente. Disse ainda que um dos pontos centrais do trabalho é a busca de um maior desenvolvimento no setor privado, para com isso inverter a situação dos últimos anos apresentada pela maior parte dos países latino-americanos que vem mostrando um crescimento mais acelerado do setor público.

Este plano econômico, segundo Rockefeller, não prevê diretamente o cárreamento de investimentos

ou de financiamentos externos para a América Latina. Acredita, porém, que esta poderá ser uma decorrência natural do Plano, caso seja aceito. “O que queremos — disse Rockefeller — é trazer uma luz e tentar ajudar as nações que se estão redemocratizando”.

Ele informou ainda que os estudos foram feitos por um grupo de quatro economistas latino-americanos, incluindo-se aí o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. O plano partiu de um amplo estudo sobre a dívida externa da América Latina, estendido mais tarde para a solução do problema da dívida ante novos modelos de desenvolvimento. Recentemente, em Buenos Aires, foi submetido a uma ampla discussão por um grupo de representantes de 10 países, entre eles o Brasil, Argentina, México, Uruguai e Venezuela. Representaram o Brasil o ex-ministro Simonsen e o empresário paulista Paulo Villares. Agora, com a vinda de Rockefeller ao Brasil, inicia-se a fase de coleta de sugestões dos governos latino-americanos.

Interpelado sobre a exigência de alguns bancos estrangeiros, de que o Brasil se submeta ao monitoramento do FMI (acompanhamento rigoroso do programa de ajustamento econômico do País, com o envio constante de missões técnicas para que seja feito um acordo de renegociação da dívida), disse Rockefeller entender que este monitoramento não é indispensável. “O FMI desempenhou um papel útil no passado, ajudando muitas nações a superar problemas difíceis”.